

A criação literária em Domingos Pellegrini

Aluno de pós-graduação. Lucas Vieira de Araújoⁱ (UEL)

RESUMO: *O presente trabalho busca analisar como se dá o processo de criação literária em cinco livros de contos do escritor paranaense Domingos Pellegrini. Os livros escolhidos são Homem Vermelho (1977), Os meninos (1977), Paixões (1984), Tempo de menino (1997), e Meninos e meninas (1998). O objetivo é averiguar quais fatores interferiram na criação dessas obras e por qual razão isso ocorreu. Para tanto servem de parâmetro os estudos de teóricos como Antônio Cândido e Raul Castagnino. Entre os resultados observados neste trabalho, destaca-se a forte influência autobiográfica, particularmente a infância e adolescência em Londrina, nos contos de Pellegrini*

Palavras-chave: Literatura Brasileira, contos, Domingos Pellegrini, criação

Introdução

Um dos aspectos mais difusos, quando se discute literatura, é a criação de um livro ou o processo que conduz à confecção de uma determinada obra literária. Tendo em vista que toda obra literária tem um assunto, que por sua vez tem um motivo e uma idéia central (CASTAGNINO, 1968), resta compreender como se dá a escolha do assunto, que conduz a uma idéia central, cujo resultado pode ser o fracasso ou o sucesso de crítica e de público de um determinado livro. O grande problema deste questionamento é compreender os mecanismos mentais que formam essa equação desprovida de fórmulas pré-fabricadas. Aliás, se existe algo que difere verdadeiramente os escritores é o processo criativo, já que trabalha com aspecto muito particulares.

De uma maneira geral, poder-se-ia dizer que o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando-as permanentemente. Como consequência, há, em muitos momentos, diferentes possibilidades de obra habitando o mesmo teto. Convive-se com possíveis obras: criações em permanente processo. As considerações de uma estética presa à noção de perfeição e acabamento enfrentam um “texto” em permanente revisão. É a estética da continuidade, que vem dialogar com a estética do objeto estático, guardada pela obra de arte. (SALLES, 1998. p.26)

Neste aspecto, Castagnino contribui afirmando que diversas ciências têm buscado compreender o “fenômeno” da criação, sendo possível chegar a três versões diferentes do processo.

- a) as que entendem a inspiração como um estado particular em que desaparece o criador: arrebatamento, entusiasmo, embriaguez, êxtase, sonho, etc.;
- b) as que entendem a inspiração como um impulso recebido ao acaso pelo criador, que remove o fundo vivencial e, por sucessivas associações, vai gestando a idéia motriz;
- c) as que entendem a inspiração, simples e planamente, como um produto alcançado por voluntária reflexão, que se desenvolve num longo processo lógico até alcançar a forma artística definitiva. (CASTAGNINO, 1968. p. 71)

O escritor paranaense Domingos Pellegrini, quando fala sobre o processo de criar, mostra-se bastante convencido de que para escrever é preciso se sentir completamente livre, descompromissado para que a literatura seja autêntica. “Inventem sua própria métrica, evitem o verso de forma fixa, fujam da rima (...), regendo normas que contrariam a própria essência da criação, que é a liberdade”. (PELLEGRINI, 2006. p.2)

Para ser livre, o autor paranaense acredita que é preciso escrever os sentimentos mais profundos, libertar-se das amarras do convencionalismo e expressar o que realmente inquieta o autor.

A literatura de qualidade emana da visão de mundo, dos valores morais, das miradas filosóficas, do exercício político, da relação social, da dimensão espiritual, do, conforme Drummond, sentimento de mundo ou, conforme e a linguagem popular, do coração. Daí o tédio e vazio de muitos poemas (*que poderiam ser prosas, na visão deste trabalho*) que parecem saídos não da vida, mas do exercício de fazer poesia. Burocracia: poemas feitos por poetas que sentam para fazer poesia, com hora marcada e compromisso regular, como um expediente poético. Nada mais incongruente. (PELLEGRINI, 2006. p.2)

O comentário de Pellegrini é perfeitamente coerente com a maneira pela qual ele produz literatura, com um forte viés pessoal e autobiográfico. Uma característica típica do texto literário para Castagnino (1968), para o qual “as razões de ordem psicofisiológicas não só gravitam em torno do texto, mas, além do mais, estão precisamente aludidas nele”. O teórico Antônio Cândido concorda com Castagnino. Para Cândido “se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária” (1980, p.13). Salles endossa a opinião de Cândido e Castagnino. Para ela:

o artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhes oferecendo, porém se alimentam do tempo e do espaço que envolvem sua produção. (SALLES, 1928. p.26)

Em *Tempo de Menino*, Pellegrini afirma em entrevista à editora que publicou a obra, como as lembranças da infância, dos desentendimentos dos pais, do lado pessoal de uma forma geral, tiveram forte influência na sua literatura (1997). Em *Meninos e meninas* o autor confessa, em outra entrevista, como os contos, de uma forma geral, são recriações literárias de passagens da vida dele.

Todas [as obras] têm um pouco de mim aqui ou ali, de um jeito ou de outro. Às vezes, sou o menino, às vezes, o pai. Glória é uma menina bem parecida com o menino que eu fui. A menina de “Quadrondo” sofre com a separação dos pais como sofri a dos meus. Já o conto “Volta ao mar” é uma espécie de continuação poética de “Estação de mar”, conto que está no livro *Tempo de menino*. (...) Este livro é como um casarão, só que reúne “contos parentes”. (1998, p.101)

Aliás, uma das características mais marcantes do trabalho literário de Pellegrini são as muitas históricas que envolvem crianças, na verdade, meninos, adolescentes homens ou jovens no início da idade adulta. Um viés que começou logo no início da carreira do escritor com a obra *Meninos*, de 1977. É importante fazer um breve parêntese para salientar a onipresença do nome “menino” em grande parte dos livros e/ou dos contos que o autor escreveu desde a década de 70. Logo após *Meninos* (1977), temos *Os meninos crescem* (1988), *Tempo de menino* (1990) e *Meninos e meninas* (1995).

Sobre a forte presença masculina infantil nos contos, Pellegrini confessa um resgate por uma fase difícil da vida pessoal:

Meus pais se separaram quando eu ia de menino a rapazola. Passamos por quatro cidades e meia dúzia de casas em sete anos. Foram choques seguidos. Não é fácil você passar por tantas escolas diferentes, ter de ir embora quando começa a ter amigos. *Talvez as histórias de meninos sejam formas de colar os pedaços dos meus traumas, para me recompor homem* (grifo nosso). Tanto que escrevi esse tipo de histórias só até os trinta e poucos anos. Passada a crise dos 30, e encontrada uma certa serenidade, deixei de escrever sobre meninos. (1997, p. 75)

Apesar da última obra sobre meninos ter sido publicada em 1995, quando Pellegrini já tinha 46 anos, percebe-se como a temática dos contos, de fato, mostra uma certa vontade de expurgar “fantasmas” da infância, da adolescência e da juventude. Em *Meninos* (1977), o autor começa o livro com um conto contundente “O dia em que achei meu pai”, que começa da seguinte maneira “Então eu vou te contar, negão, a noite em que encontrei meu pai na Zona. Eu era tonto feito peru novo, barba na cara mais ainda de menor” (1977). Logo no primeiro parágrafo, vê-se que o tema não se trata de momentos lúdicos de uma criança ou fases alegres de um jovem descobrindo a sexualidade. Atrélada à linguagem coloquial e carregada de palavras de baixo calão, percebe-se um jovem no mínimo desconcertado por encontrar o pai na entrada de um prostíbulo.

Mas aí um sábado encosta um táxi com três caras, o motorista acende a luz de dentro, faz troco, e eu lá no poste com o Pedro. (...) aí desce do táxi meu pai com mais dois caras, dá de cara comigo no poste.

– Que você faz aqui?

Fiz um gesto com a mão, lembro até hoje, que ficou aquele gesto no ar. (...)

–Quería conversar um pouco com você.

E acho que cada um ia ficar ali ensopado um na frente do outro se o Pedro não corresse da chuva até o boteco.

(PELLEGRINI, 1977. p. 6)

O protagonista do conto mostra-se ainda mais desconcertado quando o pai, no prostíbulo com ele, pergunta pela ex-mulher.

– E sua mãe, como vai?

– Vai indo.

– Não tem faltado nada lá?

– Que eu saiba não.

(PELLEGRINI, 1997. p. 7)

Tendo em vista a confissão de Pellegrini de que os pais brigaram muito durante a infância e adolescência dele e de que isso o marcou muito, pode-se deduzir que no começo da carreira como escritor as lembranças negativas do passado ainda pesavam muito e a literatura seria uma forma de “descarregar” as tensões. Algo que com o passar do tempo se tornou mais sutil, certamente pelo fato de o autor ter-se “recomposto como homem”, como ele próprio afirmara. Em *Tempo de menino* (1997), um livro mais lúdico, pueril, e sem ressentimentos tão latentes, vê-se mais claramente essa diferença.

Pai sempre falou que um dia me levava ao zoológico. Um dia, o dia chegou – de tanto eu pedir e também porque não agüentava ficar em casa nem mais um minuto. Era um daqueles dias em que a Mãe levantava sem falar nada, só batendo gaveta e panela – e, quanto menos falava, mais o silêncio dizia que ela estava se mordendo de raiva. Então ele ia ficando com raiva daquilo, começando a fazer tudo que ela detestava: pé na cadeira para amarrar sapato, cinza no chão, jornal aberto na mesa. Então ela ia sumindo com os cinzeiros e as caixas de fósforo, até ele ficar sem saber o que fazer com o cigarro na mão. E erguia a xícara e lá estava a conta do armazém. (PELLEGRINI, 1997. p. 9)

O texto mostra um embate entre o pai e a mãe do protagonista do conto, que se identifica e muito com as situações vividas por Pellegrini, mas sem sentimentos de raiva ou ódio explícitos. A discórdia entre o pai e a mãe, até pelo fato de não se dar por palavras, mostra-se de uma certa forma até engraçada, o que evidencia uma superação destes episódios por parte do contista.

Em *Meninos e meninas* (1998), a impressão é de que os traumas do passado foram, definitivamente, deixados “para trás” por Pellegrini. Prova disso é o conto “Quadrondo”, no qual uma menina se ressent das brigas e desentendimentos dos pais e da separação iminente. No entanto, a narrativa termina com final feliz, já que os pais da garotinha se reconciliam.

Fui ficar olhando os dois lá na sala, as duas cabeças redondas no mesmo travesseiro, até que minha mãe abriu os olhos e me puxou, abraçou e perguntou se estava tudo bem. Ele acordou e perguntei da casa com piscina, ele disse que não ia ser bom:

– Piscina é perigoso para nenê.

Perguntei se ele ia continuar em casa, disse que ia:

– A mãe vai arredondar um pouco, e eu vou ser mais quadrado um pouco, aí quem sabe dá certo.

(PELLEGRINI, 1998. p. 89)

O curioso, levando em conta a mudança na condução dos contos com o passar dos anos e a afirmação do próprio autor de que após a “crise dos 30” tinha superado os problemas da infância, é maneira como ele responde a uma pergunta sobre o porquê da forte presença de temas infantis e infanto-juvenis em suas obras.

Não sei porque me vem esse tipo de contos, sei que vem. Deve ser porque nós humanos, além de termos cérebro altamente desenvolvido, somos os únicos no planeta a ter cultura. Os passarinhos cantam, nós temos orquestras sinfônicas. De botões de roupa a botões atômicos, nós temos cultura, inclusive as artes, e aí cada um tem seu estilo, suas temas, enfim. Na tremenda variedade do mundo artístico, tinha de haver alguém como eu, não? (PELLEGRINI, 1998. p. 102).

Com esta resposta Pellegrini contraria uma afirmação dada por ele próprio um ano antes e ainda dá a entender que a temática abordada por ele é apenas mais uma, dentre tantas outras, que existe na literatura brasileira. Algo passível de contestação por todas as evidências que este trabalho já demonstrou e as declarações do autor em outra entrevista.

Cândido (1980) afirma que pelo fato do artista estar inserido na sociedade, ele, necessariamente, reproduz o ambiente em que vive, e, ao mesmo tempo, interfere nesse contexto na medida em que age, ou, no caso do escritor, cria uma obra literária. Neste caso, ainda segundo o estudioso, o escritor seria uma espécie de arauto da sociedade, pois foi dada a ele a incumbência de retratar, nesta circunstância, por meio da literatura, os anseios, os desejos e as vontades do grupo ao qual pertence.

Pellegrini representa bem os dois tipos de situação em suas obras, seja como mensageiro do grupo em que vive, seja como ser social encaixado em determinada localidade. No livro *Paixões*, de 1984, o autor, dentre outras circunstâncias, coloca-se como um representante do grupo dos descontentes em relação ao contexto político e econômico brasileiro. Por meio da sátira e da ironia, principalmente, o escritor brinca com a ideologia decadente de estudantes lutando por um suposto golpe de Estado e exilados políticos brasileiros e estrangeiros, tentando viver fora do Brasil. A crítica política também existe nos diversos contos que lidam com questões polêmicas para a década de 80 e, de uma certa forma, para os tempos atuais, como o homossexualismo e as drogas na adolescência.

Malgrado a influência da infância e dos fatores externos na composição da obra de Pellegrini, o que mais fica latente é a necessidade que o autor tem de escrever por uma questão pessoal, ou um dom, como o próprio escritor diz. Como ocorre com boa parte dos escritores, o autor paranaense afirma que começou a tomar gosto pela literatura quando ainda era adolescente e que isso ocorreu, principalmente, por causa do isolamento gerado pelos problemas com os pais e a busca por preencher um espaço vazio. A leitura, conseqüentemente, conduziu Pellegrini a se aventurar pelas letras e não tardou para que ele começasse a escrever poemas e outros gêneros literários.

Com onze anos eu fui assistir um filme do Mazzaropi em que um negro escravo era mostrado no Pelourinho. Aquilo me comoveu... Eu saí do cinema e fui escrever um poema. Aos quatorze anos, passei para os contos. Aos vinte e um, comecei a ganhar alguns concursos e, aos vinte e dois, o escritor João Antônio conheceu e se interessou pelo meu trabalho. Daí, recebi uma proposta da Editora Civilização

Brasileira para publicar um livro de contos. Depois, vieram prêmios e outros livros... (PELLEGRINI, 1997. p. 90)

Embora o autor reconheça que a leitura de textos literários o ajudou a descobrir o gosto por escrever, Pellegrini acredita que escreve porque tem um dom.

(Escrever) para mim, é o exercício de um dom, portanto, não há nenhum mérito nisso, é uma espécie de herança genético-social. Talvez o único mérito esteja em exercitar esse dom. E eu gosto de escrever. Me emociono quando escrevo. Choro. Paro para enxugar as lágrimas. Escrevo com um rolo de papel higiênico do lado. Aliás, demorei para descobrir isso... Por muito tempo, eu parava e ia procurar um lenço. Com o rolo de papel do lado, é bem mais prático. (PELLEGRINI, 1997. p. 91)

Apesar do jeito brincalhão em falar de si próprio e dizer que se emociona quando escreve, Pellegrini fala de uma suposta “herança genético-social”, o que soa estranho para quem nunca teve nenhum parente ligado ao mundo das letras. O pai e a mãe do escritor, como ele próprio frisa sempre nas entrevistas que concede, eram pessoas humildes que exerceram trabalhos braçais para sobreviver, portanto, sem nenhum vínculo com o mundo da literatura.

Mesmo que o autor estivesse se referindo às origens rurais e as muitas histórias que ouviu quando era garoto, o que supostamente o teria conduzido ao mundo das letras para ser um representante desse grupo, tendo em vista o ponto de vista de Cândido (1980) de que todo grupo social precisa de um porta-voz, os poucos personagens que interferiram de alguma forma na vida de Pellegrini eram pessoas muito simples para produzir tal efeito na vida do autor.

Outro fator que poderia pesar neste aspecto seria a questão geográfica e temporal, como afirma Castagnino (1968). No entanto, a cidade de origem do escritor, Londrina, nunca teve nenhum autor de destaque no cenário literário nacional, ou até mesmo estadual, como o próprio Pellegrini, e durante o período no qual Pellegrini passa a infância e a adolescência, Londrina era uma cidade em formação, com uma vida cultural bastante reduzida. Portanto, é difícil imaginar que alguma manifestação artística do período tenha influenciado na formação literária do escritor.

Conclusão

A criação em Domingos Pellegrini está intimamente relacionada à infância e à adolescência do autor, pois grande parte dos textos dele tem fortes marcas memorialistas. Além disso, vale destacar a importância que o escritor confere a inspiração como forma de criação literária, reforçando os aspectos subjetivos da literatura.

Referências Bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1980.
- CASTAGNINO, Raul. **Análise literária**. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1971.
- PELLEGRINI, Domingos. O cansaço das rimas. **Jornal Rascunho**, Curitiba, ago 2006. p. 2.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

ⁱ **Lucas Vieira de Araújo, especialista e aluno de mestrado em Letras**
(Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Letras)
E-mail: lucas_araujo@iapar.br